

Unidade 15



Fortalecendo a escola na comunidade

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- Reconhecer o valor da parceria escola – família.
- Identificar a importância da valorização dos educadores em seu papel educativo e preventivo.
- Reconhecer a importância da formação continuada do educador, considerando as demandas sociais relativas à promoção da saúde e prevenção do uso de drogas.

O QUE ABORDAREMOS NESTA UNIDADE?

Temática: Fortalecendo a escola na comunidade

Vídeo: *Qual é a fórmula?*

Textos:

Parceria escola-família na prevenção do uso de drogas: o olhar dos educadores

O cuidado com os educadores

Atividades de aprendizagem:

Fórum temático

Atividade colaborativa

Exercício objetivo



Tópicos para aprofundamento

Embora a família de hoje apresente configurações muito diferentes das tradicionais, ainda mantém a relação de referência, de cuidados e de carinho entre seus membros.

- A família é responsável pelo processo inicial de socialização do indivíduo, incluindo-o no mundo como indivíduo e como pertencente a um grupo.
- A formação do indivíduo quanto à sua identidade e educação é de responsabilidade compartilhada por todos com quem ele conviva: isso inclui a família e a escola.
- O trabalho educativo da família deve ocorrer em continuidade com a escola e, para isso, é necessário reconhecer os papéis e funções de cada um.
- Os jovens buscam na escola figuras de autoridade e referência.
- Os professores devem reconhecer as famílias como possíveis parceiras, transformando esse reconhecimento em ação.
- Para a parceria família-escola acontecer, é necessário reciprocidade, união, afeto, amor, doação, aproximação.
- A escola deve preocupar-se com a formação contínua do educador.
- Ao socializar o conhecimento, o professor desempenha também a função de formador de valores e de modelo de identificação de seus alunos.
- É preciso que o adolescente encontre na autoridade do professor o limite da sua independência, para que, com a ajuda do professor, possa encontrar as respostas para as dúvidas.
- É no desenvolvimento de recursos de sua personalidade que o educador pode agir na sua prática educativa com autonomia, segurança e criatividade.
- Espera-se que o educador tenha entusiasmo com predisposição à curiosidade, à capacidade de renovação e de luta contra a rotina.
- A reflexão sobre a nossa própria história nos ajuda a compreender a história de consumo de drogas e dimensionar o fenômeno sem cair em exageros ou desvalorizações.

Reflita com seu grupo sobre os temas deste módulo para estabelecer as ações preventivas em sua escola. Aproveite os fóruns para compartilhar suas ideias e experiências. Antes de passar para o outro módulo, certifique-se de ter realizado as atividades individuais e grupais. Caso tenha dúvidas, consulte seu tutor. Bom trabalho!





Assista ao vídeo 15 – *Qual é a fórmula?*

Este vídeo traz um exemplo significativo da importância do educador no processo de formação do aluno, mesmo para assuntos que extrapolam o universo escolar tradicional.

A relação de confiança entre professor e aluno é essencial na hora de enfrentar situações do dia a dia. Fortalece a rede de proteção para a prevenção do uso de álcool e outras drogas e contribui para a promoção da saúde no seu sentido mais amplo.

Por isso, é fundamental que o educador busque uma formação contínua, que aprofunde seus conhecimentos sobre a adolescência, inclusive em relação à questão das drogas.

Como o nosso enfoque para a prevenção do uso de drogas é a educação para a saúde, torna-se essencial iniciar o trabalho com uma nova forma de conceber o papel do educador para a formação integral dos alunos.

Para que isso ocorra, a escola deve oferecer condições para a melhoria da qualidade de vida de seus educadores.

Resumo do vídeo – *Qual é a fórmula?*

Há um episódio em que uma aluna conversa com a professora de Química, Andressa, sobre a sua preocupação com colegas usuários de drogas e seu projeto de conhecer mais sobre drogas para conscientizá-los. A professora, mobilizada com a demanda da aluna, reconhece sua necessidade de capacitação sobre álcool e outras drogas. Procura o diretor e compartilha sua visão da responsabilidade dos educadores com a prevenção e a falta de preparo que percebe na escola.

Depois desse diálogo, a direção da escola mobiliza-se e atende à demanda da professora, tomando iniciativas para a viabilização da capacitação solicitada, reconhecida por todos como uma valorização do educador.

Evidencia-se, nesse vídeo, a necessidade de formação contínua para os educadores sobre os problemas da adolescência e sobre o uso de drogas. Ressalta-se também a necessidade de um clima de proximidade e confiança entre adolescentes e educadores.

Para refletir



Muitos professores são procurados por alunos que buscam ajuda para os problemas de sua vida pessoal.

- Isso já aconteceu com você? E como foi que você reagiu?
- Como se sentiu diante dessa confiança que o aluno depositou em você?
- Você se sentiu preparado para lidar com essa situação?

Para aprofundar seus conhecimentos, leia os textos apresentados a seguir.

PARCERIA ESCOLA-FAMÍLIA NA PREVENÇÃO DO USO DE DROGAS: O OLHAR DOS EDUCADORES

Naiá Schurmann Brillinger
Maria Fátima Olivier Sudbrack



Quando há um projeto de parceria, há o desejo de um contrato em que todos os parceiros ganhem com um trabalho conjunto. Isso implica a compreensão de que cada parceiro tem seu valor e algo a contribuir para o projeto que está sendo desenvolvido.

E quando falamos sobre a parceria família-escola?

Bem, nesse caso, nem sempre a imagem que se faz corresponde à ideia original de parceria, mas já está imbuída de frustrações e descréditos.

Afinal, em que a família vem colaborando?
Com o que ela pode colaborar?

Essas perguntas foram o centro de uma pesquisa realizada com professores de escolas públicas do Distrito Federal a qual apresentou a visão dos educadores sobre a família como possível parceira da escola para a prevenção do uso de álcool e outras drogas.

- As construções feitas em colaboração com educadores trouxeram algumas percepções dos professores:
- a família vê a escola como “depósito de menino”;
- há um “jogo de empurra” quanto à educação dos alunos;
- as famílias deixam a educação unicamente a cargo da escola e não se interessam pelo que lá ocorre;
- as relações estabelecidas entre a escola e as famílias têm ocorrido por meio de cobranças, representadas pelo boletim – seriam cobranças das notas dos alunos, da competência dos professores, da dedicação dos pais.

Uma das razões atribuídas à dificuldade das famílias em desenvolver a tarefa educativa e contribuir com a escola está relacionada à percepção da família em suas novas configurações.

Muitos educadores acreditam que a família que não apresenta a formação tradicional, com presença de pai e mãe, é uma família desestruturada, e isso contribuiria para a limitação das possibilidades de ação da família.

Sabemos, no entanto, que, embora a família de hoje apresente configurações muito diferentes das tradicionais, ainda mantém a relação de referência, de cuidados e de carinho entre seus membros.

A grande diferença entre o modelo familiar tradicional, arraigado em nossa cultura e as configurações contemporâneas de família, é que o modelo tradicional estava fundamentado nos laços de sangue, e os modelos contemporâneos fundamentam-se nos vínculos.

A família é compreendida, portanto, como o grupo de pessoas que fornece à criança e ao adolescente um espaço de construção e reconstrução de si mesmos, ao mesmo tempo, propõe o desafio e o espaço de descanso na mesma medida, o espaço do sonho, da ilusão e da responsabilidade, da criatividade e do respeito por meio de contínuas negociações e adaptações em busca de equilíbrio, como se fosse um sistema dinâmico e em constante evolução.

Com base nessa descrição, é possível delinear algumas das responsabilidades da família. Ela é responsável pelo processo inicial de socialização do indivíduo, pois o inclui no mundo como indivíduo e como pertencente a um grupo. As relações que regem a família servem para orientar o indivíduo sobre quem ele é, por meio de um movimento de identificação e de estranhamento, que começa no nome – o nome próprio o diferencia dos demais indivíduos e um nome de família o identifica com o grupo.

Esse movimento promove a formação da identidade do indivíduo, pelas figuras de referência, e não se limita à família, mas se mantém por toda a vida, nas relações que o indivíduo estabeleça e do reconhecimento de figuras de referência, tais como professores, chefes ou mesmo os amigos que escolhem.

Outra responsabilidade, inicialmente atribuída à família, é dar significado ao mundo. A família é uma mediadora entre o indivíduo e o mundo, na tradução de objetos e relações, e atribuição de valores. Essa mediação é fundamental para organizar o universo do indivíduo, e, mesmo que sua intensidade se reduza durante o crescimento, as figuras de referência sempre vão exercer o papel de apresentar algo e dar-lhe um significado inicial, que será posteriormente elaborado pelo indivíduo.

Assim, é tarefa da família dar significado à escola, à educação, com vistas às ações do indivíduo na relação com esses elementos.





Dessa forma, as funções que a família desempenha para o indivíduo são realizadas por figuras de referência que inicialmente se encontram na família e, posteriormente, vão ser encontradas na escola, no grupo de amigos, na comunidade. Assim, a formação do indivíduo quanto à sua identidade e educação é de responsabilidade compartilhada por todos com quem se convive. Essa é a condição humana.

A família deve proporcionar diretrizes para ação de garantir o apoio emocional e ser exigente, oferecendo limites e desafios de forma crescente. Comporta, também, a tarefa educativa ou o “trabalho pedagógico dos pais” que se apresenta de maneira diferenciada conforme a classe sociocultural.

É considerado investimento da família todo o trabalho de apoio à educação, como: acompanhamento sistemático dos deveres de casa e provas, reuniões escolares de avaliação dos alunos etc. Esse investimento também pode aparecer fora da escola, ao inscrever o filho em bibliotecas, cursos de artes – pintura, música e dança – incentivo para a leitura e regulação do tempo de lazer.

Para educar é preciso rever o próprio processo educativo

Podemos então dizer que o trabalho educativo da família deve ocorrer em **continuidade** com a escola e que, para isso, é necessário **reconhecer os papéis** e funções de cada segmento, identificando em cada um os significados que movem suas ações e como foram forjados. Reconhecer e aceitar a própria condição são pressupostos para entrar em uma relação e ser verdadeiro com os próprios desejos e planos.

E ser verdadeiro aqui é ser honesto, objetivo (tanto quanto possível) e não apaixonado, acreditando estar no outro aquilo que é seu (por exemplo, características, desejos, expectativas). Aceitar os limites do outro e de suas próprias limitações é favorecedor do processo individual de construção identitária e, principalmente, do processo de reinvenção de si mesmo.

Com base nas diferenças entre os modelos de educação e os valores morais adotados por famílias e escolas, as instituições escolares são identificadas como possibilitadoras de um modelo educacional alternativo ao familiar. Essa alternativa não é necessariamente melhor ou pior, mas constitui-se em diversidade, uma vez assim significada. Muito embora a escola não tenha obrigação de substituir a função familiar de acolhimento e amor, deve oferecer a possibilidade do reconhecimento de outra realidade.

Também, com base nessa perspectiva, podemos dizer que o relacionamento com a autoridade na escola depende do processo de reconhecimento da alteridade iniciado na família, tanto na primeira infância quanto continuamente.

Se, por um lado, é necessária a adoção de modelos que permitem a flexibilidade dos papéis e negociação das regras para o desenvolvimento saudável do indivíduo, por outro, é necessário que as instituições família e escola mantenham uma relação objetiva entre seus modelos de autoridade, permitindo ao educando a significação e distinção desses modelos. Em outras palavras, não é necessário que a escola e a família adotem o mesmo modelo de autoridade, mas que consigam proporcionar a percepção de suas diferenças como parte da diversidade, oferecendo criatividade no enfrentamento do cotidiano.

O contexto aqui é o da autoridade. Os jovens encontram na escola um ambiente com diversos atores e buscam neles figuras de autoridade e referência, por mais que o demonstrem de forma conflituosa. Essa autoridade vai fornecer o continente e o limite, proporcionando a possibilidade do vínculo e o reconhecimento da lei.

A relação dos alunos com a escola, tanto como espaço em que há regra, quanto no espaço de prazer, não é inteiramente significada pelos professores. Certamente, estamos diante das consequências de um espaço de valorização do sujeito manifestado pela filiação desse às regras da instituição, ou pela busca de adaptação a essas regras.

Podemos compreender que os movimentos entre a internalização da lei e sua transgressão representa uma construção do adolescente de sua própria lei, e são fundamentais, portanto, a presença da lei e o espaço da transgressão.

Nesse contexto de educação e de autoridade, tanto pais quanto professores, muitas vezes, deixam de questionar como contribuir para o processo educacional, porque buscam culpados pela ineficácia desse processo.

Mesmo nesse turbilhão, os professores veem as famílias como possíveis parceiras, mas não transformam esse reconhecimento em ação, como exemplo deste reconhecimento, destacamos a tentativa de trazer a família para a escola, de confirmar nas famílias as ações educativas e as frustrações que os educadores sentem ao perceber que os pais só comparecem para pegar as notas de seus filhos. A escola quer que a família reconheça seus esforços e suas conquistas, e esse desejo traz consigo o significado que a família tem como aquela que pode avaliar e levantar críticas para a melhoria do trabalho escolar.

Se reconhecemos as funções da família e da escola, se conseguimos identificar potenciais para a parceria, o que falta, então, para essa parceria de fato ocorrer?

A resposta é dada pelos mesmos educadores, que identificam como ingredientes necessários para essa relação: **reciprocidade, união, afeto, amor, doação, aproximação.**

Resta, por fim, a pergunta:

Como estamos inventando nossa receita com esses ingredientes?

O CUIDADO COM OS EDUCADORES

Regina Lúcia Sucupira Pedroza

Liana Fortunato Costa



A escola tem sido vista, tradicionalmente, como a instituição social que tem a função primordial da transmissão, de forma sistemática, do conhecimento acumulado pela humanidade. Essa transmissão tem sido feita pelo professor, que tem como objetivo cumprir um conteúdo programático elaborado com base em um currículo preestabelecido. Desse modo, o que normalmente acontece na escola é uma valorização dos aspectos cognitivos em detrimento dos afetivos. Isso faz com que o professor privilegie o desenvolvimento da inteligência e negligencie os afetos e as suas necessidades e as do educando de ser amado, de sentir-se seguro, de descobrir e explorar o mundo, de manifestar seus desejos e de encontrar prazer naquilo que faz.

No entanto, o papel da escola não se restringe a essa função, mas deve voltar-se também para o desenvolvimento pessoal do aluno e do professor. Ao transmitir o conhecimento, o professor desempenha a função de formador de valores morais e de modelo de identificação para seus alunos no processo ensino-aprendizagem.

Para desenvolver bem o seu papel, o professor necessita de uma formação que lhe permita ser um mediador entre o conhecimento e o aluno, bem como ser um organizador da sala de aula, além de enfrentar o desafio de assumir as contradições buscando a construção do novo. É preciso, pois, uma formação que proporcione o desenvolvimento pessoal que o habilite a formar alunos dentro dessa concepção de educação não restrita apenas à transmissão de conteúdos. É necessário, portanto, desenvolver uma sensibilidade que permita maior conhecimento do aluno, das suas necessidades e possibilidades.

É importante que o professor esteja seguro da sua prática e de si mesmo, como educador e adulto, para que, ao se sentir ameaçado, não ameace, ao se sentir agredido, não agrida, e possa ocupar o lugar de autoridade, de detentor do conhecimento e, nessa condição, ser reconhecido pelo aluno.



Relação professor-aluno

Na relação professor-aluno, pode ser criada uma barreira entre um professor “que sabe tudo” e um aluno “que não sabe nada”, que garante um conjunto de proteções e resistências. A curiosidade e o desejo de saber do aluno confrontam-se com o desejo idealizado de aluno, construído pelo professor.

Aluno e professor podem se encontrar numa relação de poder que leve a um bloqueio da aprendizagem. Ao professor cabe a função educativa, que exige, ao mesmo tempo, aproximação para compreender o aluno e distanciamento para não se envolver emocionalmente de forma demasiada e reagir impulsivamente. É em uma interação de diálogo e de escuta que a educação será uma relação de respeito à pessoa do adolescente, respeito e compreensão ao seu comportamento e às etapas de seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

O professor deve entender melhor o adolescente vendo-o na sua necessidade de apoio e, ao mesmo tempo, na sua negação dessa necessidade. Ele precisa que o professor acredite nele e nas suas competências. Precisa ter espaço para se colocar, ser ouvido e pensar por si mesmo. Cabe ao professor fazer com que os conflitos do adolescente sejam superados de forma produtiva e crescente.

É importante que o adolescente encontre na autoridade do professor o limite da independência para que, com sua ajuda, possa encontrar as respostas para suas dúvidas. Esse limite integra a constituição do sujeito e encontra-se presente no momento de aquisição de conhecimentos. Principalmente no que concerne ao ensino para adolescentes, o professor deve orientar a curiosidade para o conhecimento dos fenômenos e dos objetos de modo que desenvolva afetivamente e cognitivamente a capacidade de indagação.

Formação do professor: processo contínuo

Para a construção desse diálogo próximo e proveitoso, a formação do professor requer tempo para o investimento na sua dimensão pessoal e para a articulação entre o saber pedagógico e o “saber ser”. Essa formação se dá em processo contínuo de desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e espiritual e deve ser articulada, privilegiando a experiência em sala de aula. Isso não significa uma desvalorização da formação teórica, mas a necessidade de criar momentos indissociáveis entre a teoria e a prática que atendam às demandas da realidade.

Os programas de formação inicial e continuada devem se constituir como possibilidade constante de inovação e melhoria da situação pessoal e coletiva dos professores.

A formação profissional constitui-se em uma experiência permanente e deve contribuir para o crescimento das pessoas em ambientes favoráveis, nos quais o conflito possa ser revertido para esse crescimento.

A formação do professor não deve ser apenas pedagógica, mas também psicológica, a fim de que possa melhor compreender a natureza e o desenvolvimento do aluno.

É baseado na própria experiência pedagógica e não apenas nos livros que o professor pode chegar aos preceitos da educação. É no desenvolvimento de recursos de sua personalidade que o professor pode agir na sua prática educativa com **autonomia, segurança e criatividade**.

A **reflexão** é, na atualidade, o conceito mais utilizado por investigadores, formadores de professores e educadores, para se referirem às novas tendências de projetos de formação. Os professores devem refletir sobre sua prática, na expectativa de que a reflexão seja um instrumento de desenvolvimento do pensamento e da ação.

Algumas atitudes são necessárias ao pensamento reflexivo, entre elas, a atitude de uma mente aberta que obriga a escuta, o respeito às diferentes perspectivas e a disponibilidade para aceitar as alternativas existentes. Também é esperado do professor entusiasmo com predisposição à curiosidade, capacidade de renovação e de luta contra a rotina.

O professor prático-reflexivo desenvolve uma consciência crítica que fundamenta suas ações, auxiliando a reflexão sobre sua prática, a organização de suas próprias teorias e a compreensão das bases de suas crenças.

O professor deve se reconhecer como capaz de teorizar sobre sua prática, pois ele é portador de uma teoria adquirida em seu percurso de formação profissional e pessoal. A escola é um espaço de teoria em movimento permanente de construção, desconstrução e reconstrução.

A importância da prática reflexiva na escola está ligada à necessidade da criação de um espaço no qual o professor possa ser ouvido e encontre um apoio para realizar essa reflexão. Não somos conscientes de todos os nossos atos e precisamos, muitas vezes, de outra pessoa que nos faça ver nossas ações. Não se trata apenas de agir de modo diferente, mas de mudar, de tornar-se “alguém diferente”.

Formação do professor e a prevenção do uso de drogas

Para o professor que se dispõe a se aproximar e atuar com adolescentes que estão fazendo uso de drogas, propomos algumas reflexões. Como vimos até aqui, a presença da droga em nossa sociedade é um fenômeno complexo, que requer a necessidade de integração entre vários saberes que representam vários profissionais diferentes. Esse reconhecimento significa também que as ações a serem planejadas pelos professores da escola devem ter uma dimensão integrada com outros profissionais e com os vários segmentos da própria escola.



O professor e a sua relação com as drogas

Outro aspecto importante é conhecermos a história de consumo de alguma droga presente em nossa família atual ou na de origem. Muitas vezes, somos levados a negar, a não querer ver esse consumo, e assim criamos um terreno fértil para uma identificação inconsciente com um problema semelhante, quando nos deparamos com uma situação de um aluno que consome drogas ou mesmo com alguém que nos é próximo.

Também vale aqui refletir sobre a própria história de consumo de alguma droga. Pode ser que hoje eu não beba, por exemplo, mas, até há pouco tempo, isso não era exatamente verdade. A importância dessas reflexões é de podermos enxergar a história de consumo de outras pessoas e podermos dimensionar o fenômeno sem cair em exageros ou desvalorizações de nossas observações.

Devemos ainda avaliar nossa sensibilidade ao tema nos questionando das seguintes formas:

- Por que queremos nos envolver com esse fenômeno tão antigo e para o qual ainda não há uma solução definitiva?
- Qual a nossa motivação para trabalharmos com um adolescente que pode estar envolvido com droga e possivelmente com uma rede de narcotraficante?

Chamamos atenção para o questionamento das escolhas que o educador faz na sua prática profissional.

Ao pensar na realidade da venda ilegal de drogas lícitas para os adolescentes e do tráfico de drogas, é importante refletir sobre o nosso medo de adentrar essa realidade, refletir sobre nossa resposta emocional diante de vários aspectos que compõem esse contexto.

E, finalmente, precisamos avaliar nossa capacidade de nos associarmos a outros profissionais e a outras pessoas da comunidade, todos componentes dessa rede social, bem como a nossa simplicidade e humildade em pedir ajuda. Pois, em se tratando de drogas, **não construímos nada sozinhos, somos sempre parceiros em busca de companheiros e de parcerias.**

Vamos pensar?

Referências

ARAÚJO, S. M. B. *Pai, aproxima de mim este cálice: significações de juízes e promotores sobre a função pater-na no contexto da justiça*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BRILLINGER, N. S. *Escola em rede com a família na prevenção do uso de drogas: o olhar de educadores sobre a parceria com as famílias*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 2009.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, C. M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1992.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

PEDROZA, R. L. S. *A psicologia na formação do professor: uma pesquisa sobre o desenvolvimento pessoal de professores do ensino fundamental*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SUDBRACK, M. F. O. Da falta do Pai à busca da lei: o significado da passagem ao ato delinquente no contexto familiar e institucional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 8 (Suplemento), 1992, p. 444-457.

_____. Terapia familiar sistêmica. In: SEIBEL, S. (Org.). *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2002. p. 403-415.

SZYMANSKI, H. *A relação família/escola*. Brasília: Liber livro, 2007.

WALLON, H. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Editorial Veja, 1979.